CMP 1.2.2.201-1

PRIMEIRA LEITURA

Pedro Kilkerry. Pedro

Cem anos do poeta, quinze da poesia

VERA NOVIS
Especial para a Folha

"O homem de hoje deve nascer, nasce, com o instinto da modernidade". O nome do homem: Pedro Kilkerry, que escreveu sobre o acontecimento que hoje se celebra os seguintes versos:

"Quando eu nascia
Tocava fogo em minha freguesia
Um barbeiro, meu vizinho
Cortava a veia ao pescoço
Porque no bicho perdia
Quando eu nascia..."

Auto-ironia? Quase profecia. Kilkerry nasce em 1885 em Salvador. Em 1906 publica seus primeiros poemas. Morre em 1917. Impressionou fortemente todos aqueles com quem conviveu, o que se deduz dos escritos jornalísticos redigidos ainda sob o impacto da notícia de sua morte e dos estudos posteriores de Jackson de Figueiredo e de Carlos Chiacchio. As descrições são unânimes na afirmação de singularidade daquela figura "debatidíssima, endeusada aqui, atacada ali, mas dominante".

Mas Kilkerry não pôde (ou não quis) reunir em livro sua produção poética e esta estaria, talvez para sempre, perdida, não fosse o interesse que seus poucos poemas citados no "Panorama do Movimento Simbolista no Brasil", de 1952, despertaram no poeta Augusto de Campos, que depois de muito esforço em reunir os **disjecta membra** kilkerrianos, publicou-os em 1970. A "obra, incompleta, mas lapidar", em que Chiacchio reconhecia "fagulhas de gênio", daquele que foi para Berbert de Castro "um dos poetas mais requintados da presente geração baiana", por pouco não foi "tragada pela boca espantosa" do tempo.

Em 1921 Jackson de Figueiredo publica no livro "Humilhados e Luminosos", de significativo título, um estudo sobre Kilkerry, o primeiro de que se tem conhecimento. Conforme declara na introdução do volume, Jackson de Figueiredo, mais interessado em ética que estética, não pretende uma avaliação estritamente literária. Ainda assim revela grande sensibilidade e intuição nas considerações sobre a poesia de Kilkerry: a forte presença da música nos seus versos; a importância do seu trabalho de tradução; a poesia da sua prosa; e sobretudo faz certas aproximações reveladoras — a "Harpa Esquisita" de Kilkerry evoca-lhe o "Dame sans trop d'ardeur" de Mallarmé; a prosa de "Notas Trêmulas" é comparada a trechos de Rimbaud e Laforgue; suas sátiras lembram-lhe Gregório de Matos. Como se vê, Jackson de Figueiredo ressalta muitas das características (e qualidades) fundamentais da poesia de Kilkerry e aponta vários caminhos que depois foram retomados por outros críticos. Além disso, e principalmente, nessas páginas de lamento profundo pela perda do amigo, fica também o registro de grande parte da obra de Kilkerry, inclusive de alguns poemas, como o excelente "Horas Ígneas", até agora não localizados em outra fonte.

Dez anos depois, Carlos Chiacchio publica uma série de artigos sobre Kilkerry. Seu estudo toma o anterior como referência e diverge deste em alguns: quanto ao retrato psicológico ("boêmio não o foi, senão na aparência", "um desesperado à Leon Bloy, ao invés de um sonhador à Murger"); quanto ao aspecto filosófico ("não ateu, mas panteísta"); quanto à aproximação Kilkerry—Lautréamont ("chegou-se a crer na ressurreição de um Gregório de Matos, nada disso, porém"). Estas são, no entanto, divergências superficiais.

Para localizar a real diferença entre os dois, valemo-nos aqui de uma afirmação do conhecido crítico francês Roland Barthes: "A linguagem que cada crítico escolhe falar não lhe desce do céu; ela é uma das linguagens que sua época lhe propõe; ela é objetivamente o termo de um certo amadurecimento do saber, das idéias, das paixões intelectuais, ele é uma necessidade". No caso que estamos examinando, as diferenças resultam de **necessidades do tempo** (entre 21 e 31, data dos dois estudos, acontece a Semana de Arte Moderna e publica-se a revista "Arco e Flexa", porta-voz do modernismo baiano, o que permite supor que Chiacchio, que efetivamente participou do grupo Arco e Flexa, estava de posse de novos conceitos sobre a arte, a função poética, a função da crítica, o papel do artista, tópicos amplamente discutidos a partir de 22 no Brasil, o que lhe fornecia uma linguagem desconhecida por Jackson) e de **necessidades do sujeito** (ambos os críticos foram contemporâneos do poeta, mas a visão conservadora de um e a visão inovadora do outro recortaram dois Kilkerry diferentes). Jackson situou o poeta em relação a um **antes**, vinculando-se à escola simbolista; Chiacchio situou-o em relação a um **depois**, como precursor de novos movimentos artísticos, o cubismo, o dadaísmo, o simultaneísmo e o surrealismo, e de novas verdades científicas, a teoria psicanalítica da arte.

Acima das diferenças de leituras, os dois críticos se unem na afirmação da importância da obra de Kilkerry. Vozes que não se fizeram ouvir até 1952, quando Andrade Muricy inclui alguns poemas kilkerrianos no seu livro já citado, precedidos de uma pequena introdução, onde acrescenta às anotações de Jackson e de Chiacchio um dado novo, extremamente revelador: a aproximação Kilkerry—Lautreámont. Mas num panorama onde entram, segundo seu autor, poetas maiores, menores e até os mínimos, não fica claramente definido o lugar de Kilkerry. Basta comparar dois trechos da sua introdução. Se por um lado ele considera que "a tão escassa produção de Kilkerry nem por isso o impede de situar-se na primeira plana do simbolismo e dá ao Brasil um estranho poeta, tanto tempo ignorado", noutro trecho, a sua poética é apenas "a menos provinciana dentre todas as dos simbolistas do Norte".

Em 1962, Augusto de Campos inicia a publicação de artigos reclamando para o poeta baiano o verdadeiro lugar que lhe caberia nos quadros da nossa literatura. Discute então a dicotomia adotada pela crítica tradicional, poetas maiores e poetas menores, segundo a qual Kilkerry estaria entre os últimos e atribui "à sensibilidade moderna" e aos "olhos modernos" poder operar uma inversão, que aliás vai além da simples inversão quando ele acaba por denunciar o dualismo "maiores e menores", baseado na quantidade de produção, com o argumento **non multa, sed multum**, trazendo o fator qualidade à cena. Augusto retoma dos trabalhos anteriores tudo aquilo que vai interessar para a demonstração da sua tese: a modernidade de Kilkerry. De Jackson, a filiação a Mallarmé; de Chiacchio, a antecipação dos movimentos artísticos de vanguarda; de Muricy, a aproximação com Lautréamont, para concluir ser o poeta não apenas seguidor do simbolismo francês, nem somente precursor das novas escolas européias, mas, simultaneamente, "simbolista integral e proto-modernista". Comparando a prosa de Kilkerry com a de Oswald de Andrade, estabelece um paralelismo estilístico apontando os neologismos, os processos metafóricos e as operações metonímicas semelhantes nos dois autores. E na sua poesia Augusto identifica uma espantosa consciência do fazer poético e uma moderna concepção de poesia como síntese, condensação, contenção e despojamento.

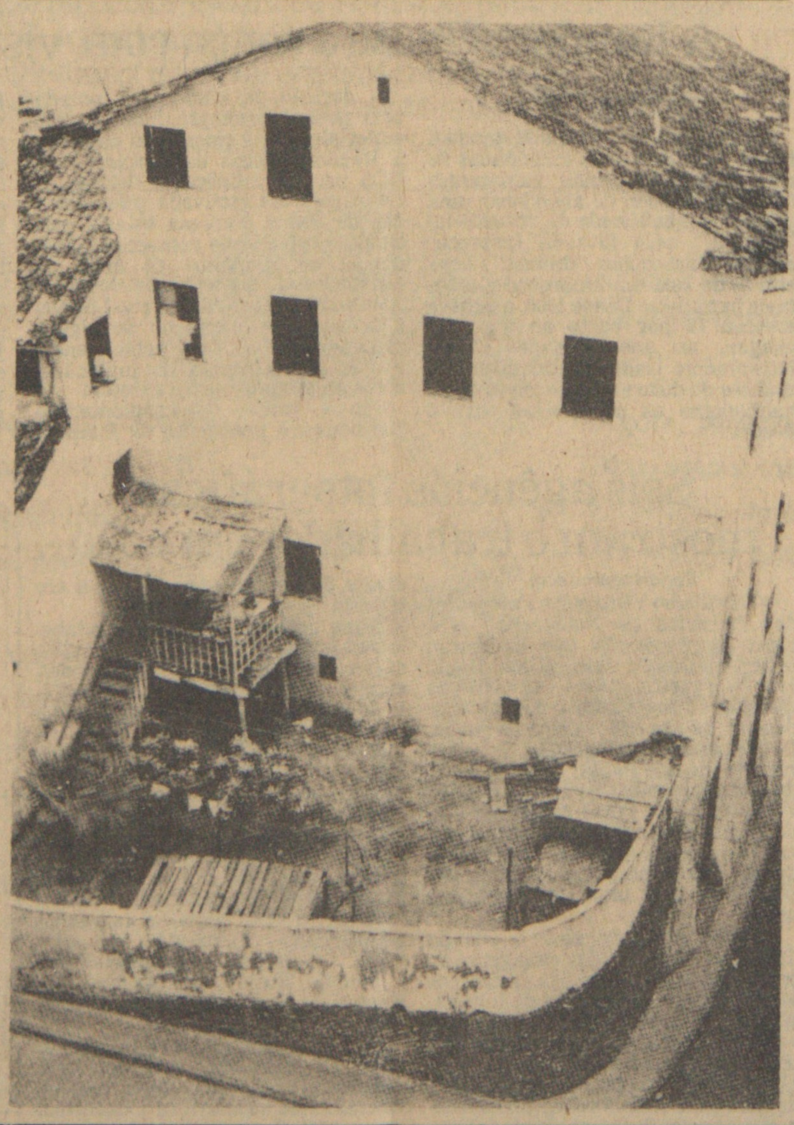
Mas para os cultores de uma concepção de poesia de formulação discursiva, redundante e ornamental, a poesia de Kilkerry é quase ilegível. Houve por isso mesmo quem discordasse das afirmações de Augusto de Campos. Em outro momento, 1978, discutimos, ainda que brevemente, o problema. Como a questão abrange outras que ultrapassam e muito a avaliação objetiva da poesia de Kilkerry, não cabe ser considerada agora. Pretendemos até aqui marcar o percurso dessa obra que, por se antecipar a seu próprio tempo, limitou-se com o silêncio, rompido apenas a largos intervalos pelos poucos que puderam entender a sua harpa esquisita.

Mas que poesia é essa que tocou tão profundamente os que se debruçaram sobre ela e motivou estudos sérios e rigorosos e também apaixonados? Mesmo considerando o curto período de atividade literária do poeta, de 1906 a 1916, uma obra escassa: 37 poemas (incluindo os fragmentos, os manuscritos e as traduções), cinco textos de prosa poética, oito crônicas jornalísticas e dez textos críticos. Escassa e entretanto variadíssima. Na poesia temos ora resquícios de parnasianismo (evidenciados na preferência por certos temas, nas escolhas do léxico, na obediência a determinados padrões métricos e rítmicos preconizados pela escola — sobretudo nos primeiros sonetos, dos quais "Na Via Appia" seria um bom exemplo); ora realização plena da estética simbolista (utilização de um léxico mais indefinido, evocação de objetos em vez de sua descrição, correspondências sinestésicas, hermetismo da linguagem resultado do uso de símbolos arbitrariamente criados pelo poeta — o soneto "O Muro" recobre

Fotos Divulgação

Pedro Kilkerry: retrato (de 1913) de formatura na Faculdade de Direito

O poeta Pedro Kilkerry nasceu há cem anos (em 10 de março de 1885), em Salvador, Bahia, filho de um descendente de irlandeses e de uma mestiça baiana. Boêmio, levando uma vida de dificuldades financeiras, morou durante muitos anos num quarto simples da cidade, tendo se formado na Faculdade de Direito da Bahia. Sua morte se deu em 1917, quando tinha ainda 32 anos, durante uma traqueotomia, num hospital de Salvador. Raríssimas vezes citado em antologias de simbolistas brasileiros, foi "descoberto" pelo poeta Augusto de Campos, que em 62 iniciou uma campanha "re-visionária" de sua obra, transformada em livro oito anos depois. Este texto é um resumo de uma conferência feita por Vera Novis na Bahia por ocasião do centenário do poeta.



parcialmente estas características); ora utilização de técnicas que prefiguram o poema moderno (experimentos rítmicos na estrutura métrica e estrófica, combinação de assonância e dissonância, fragmentação de imagens, sintaxe de coordenação, descontinuidade semântica — "Horas Ígneas" cobre algumas dessas características). Poemas descritivos ("Da Idade Média") e evocativos ("Ad Veneris Lacrimas"). De amor ("Amor Volat"), intimista ("Não Sei da Causa"), irônico ("O Verme e a Estrela"), de acento panteísta ("Ritmo Eterno"), poema sobre o fazer poético ("É o Silêncio"), poema sobre a condição do poeta ("Harpa Esquisita"). Poemas que lembram Baudelaire... lembram Corbiere... e também Heredia... e também Mallarmé... Mas sobretudo têm a marca de Pedro Kilkerry, marca essa que se torna palpável pelo alto grau de recorrência de determinados procedimentos artísticos. O que nos leva a afirmar que por trás da variedade há uma firme unidade de estilo. E mais: exceto "Taça", "Altera Quanquam Venusta" e "Essa que Paira em Meus Sonhos", todos os poemas de Kilkerry são identificáveis, são reconhecíveis, quer seja por suas preferências lexicais, seja pela construção sintática, ou pela ironia, ou pela arquitetura das imagens, ou ainda pelo trabalho na tessitura sonora. Examinemos rapidamente o soneto "Sob os Ramos".

É no Estio. A alma, aqui, vai-me sonora,
No meu cavalo — sob a loira poeira
Que chove o sol — e,vai-me a vida inteira
No meu cavalo, pela estrada a fora.

Ai! desta em que te escrevo alta mangueira
Sob a copada verde, a gente mora.
E em vindo a noite, acende-se a fogueira
Que se fez cinza de fogueira agora.

Passa-me a vida pelo campo... E a vida
Levo-a cantando, pássaros no seio,
Qual se os levasse a minha mocidade...

Cada ilusão floresce renascida;
Flora, renasces ao primeiro anseio
Do teu amor... nas asas da Saudade!

"Sob os Ramos" é um soneto da fase inicial do poeta. Seu primeiro poema é de 1906, este é de 1907. E também não recebeu a atenção de nenhum dos estudiosos de Kilkerry, não figurando até o momento entre os poemas antológicos do autor. Nossa escolha para comentá-lo aqui não é entretanto casual. Muitas das características básicas da poesia kilkerriana estão aí reunidas. Em vez de um poema-síntese, um poema-embrião. Traços estilísticos que vamos encontrar depois nos seus melhores versos já podem ser identificados nestes versos de estréia.

1°) Desde logo indicamos o "arrevezamento sintático" das duas primeiras estrofes, processo de alta frequência na poesia de Kilkerry, aqui também funcional em relação à semântica: "— sob a loira poeira/ Que chove o sol —" e "Ai! desta em que te escrevo alta mangueira".

2°) Em seguida, o coloquialismo das expressões "a gente mora" e "pela estrada a fora" só comparável a "como quem entra em casa" e "boêmio no banho" de "Amor Volat".

3°) É neste soneto que asa, palavra-chave da poesia de Kilkerry, aparece pela primeira vez, na belíssima imagem que fecha o soneto: "asas da Saudade".

4°) O verbo **florescer** e o substantivo **Flora** (comum e próprio na ambiguidade semântica textual — mulher e natureza) vão ser encontrados em pelo menos outros sete poemas, sendo que no soneto "Vinho" aparece três vezes no mesmo verso — "Floresce ao sol, florece à luz, florece à Vida!" — tal como a palavra-chave **ouro** em "Glorificação de ouro no sol de ouro... à paz de ouro" de "Harpa Esquisita". Neste poema, aliás central no conjunto da obra kilkerriana, a própria harpa é metaforizada em "flora a zumbir": "Vem colar-te ao calor... e, oh! tua harpa esquisita/ Plange... flora a zumbir, minúscula, que imita/ A abelheira da Dor, em centelha e centelha". Flora aparece ainda em "Horas Ígneas", em "Ad Juvenis Diem" e em "Symbolum". Florescer está em "É o Silêncio" e seis vezes (se incluirmos também **flor**) em "Longe do Céu, Perto do Verde Mar".

No levantamento de Augusto de Campos a palavra flor consta da lista de frequência absoluta, mas não da lista de frequência relativa. Talvez o quadro se modificasse se, ao lado de flor, considerássemos também flora e florescer. É interessante indicar que no manuscrito quase ilegível (p. 135 da "ReVisão", 1985) aparecem as palavras-chave asa e ouro, como anotou Augusto, e também flor, como anotamos agora. Resumindo: os vocábulos flora e florescer não só ocorrem com grande frequência, como ocorrem nos seus melhores poemas e quase sempre em posição de destaque. Aqui em "Sob os Ramos" os vocábulos ganham acento no jogo paronomástico "floresce renascida/ Flora, renasces".

5°) Paranomásia, aliás, parte de um tecido maior de sonoridade anunciado desde o primeiro verso — "A alma, aqui, vai-me sonora" — e que cobre toda a segunda metade do poema:

"E em vindo a noite, **acende-se** a fogueira
Que **se fez cinza** de fogueira agora.
Passa-me a vida pelo campo... E a vida
Levo-a cantando, **pássaros no seio,**
Qual **se os levasse** a minha **mocidade**...
Cada **ilusão floresce renascida**;
Flora, **renasces** ao primeiro anseio
Do teu amor.... **nas asas da Saudade**!"

A repetição da sibilante surda (S) rompida pela sibilante sonora (Z) em cinza e ilusão, prepara a imagem final que conjuga as duas: nas asas da Saudade.

6.) Outra observação: a imagem "pássaros no seio" é retomada, ainda que transformada em dois sonetos posteriores que também tematizam o amor: "Floresta Morta" e "Amor Volat" (sobre estes dois sonetos ver a análise de Antônio Risério na revista "Bahia-Invenção", de 1974).

7.) Por fim, observe-se o tratamento do tema. Na primeira metade do poema, a abertura ("É no Estio.") até o sétimo verso ("acende-se a fogueira"), a situação é presente. Só a partir do oitavo verso aparecem índices de passado — apenas três: "que se fez cinza de fogueira agora / qual se os levasse a minha Mocidade / nas asas da Saudade". No entanto a lamentação pelo amor distante e pelo tempo passado percorre todo o poema, desde o início, indicado pelo estado de passividade e inação do poeta no presente: "A alma, aqui, **vai-se** sonora / — e **vai-me** a vida inteira / E em vindo a noite, **acende-se** a fogueira / Que **se fez cinza** / **Passa-me** a vida pelo campo ... E a vida / **Levo-a** cantando...". Esse estado de passividade ou de contemplação do poeta vai se repetir em "Amor Volat" em "Harpa Esquisita" e em "É o Silêncio" ("Olha-me a estante em cada livro que olha/.../ A asa da rima/ Paira-me no ar. Quedo-me como um Buda/.../ Cresce-me a estante...").

É certo que falta a este soneto singelo a crispação dos "nervos a arder" de "Ad Veneris Lacrimas", do "pó vibrante de nervos" de "Horas Ígneas" e do "cheiro que sai dos nervos" de "O Muro", por exemplo. Mas um pouco da marca Kilkerriana dos poemas posteriores não estará presente, já, em "Sob os Ramos"?

Augusto de Campos realizou brilhantes e minuciosas análises estilísticas de seus poemas, inclusive um **close-reading** de um de seus mais bem realizados sonetos, "Cetáceo". Remetemos, pois, os interessados em Kilkerry ou os interessados em poesia ao volume "Re-visão de Kilkerry", verdadeiro nascimento de sua poesia, hoje acessível a todos em sua segunda edição.

Passemos à prosa. O traço mais característico da prosa de Kilkerry é a postura crítica do autor, traduzida estilisticamente pela ironia, repassada de humor e às vezes até de sarcasmo. Nervos talvez seja a palavra-chave de sua prosa e remete à forte inquietação que parece ter sido a marca da personalidade do poeta e se revela nitidamente na irreverência a regras, dogmas, valores, conceitos e todo tipo de significado fixo. "Tudo é outro" e "há avesso em tudo", diz o poeta. O texto kilkerriano, além de se oferecer, como todo texto, à leitura crítica, ele se propõe também como leitura. Leitura desconstrutora do **vouloir-dire** textual, recuperadora do latente sob o aparente, do texto ausente sob o texto manifesto. Leitura de entrelinhas.

Prosa poética. Dos cinco textos, os "mais poéticos" são exatamente os menos críticos: o belíssimo "Do Hinário de um Nômade" e "Navis Sereníssima". Já as "Novela Acadêmica 1", "Novela Acadêmica 2" e

Pedro Kilkerry. Pedro

Cinesesc mostra o ciclo 'Gastronomia no Cinema'

Reportagem Local

Longa é a lista de filmes que se serviram do tema da gula para produzirem cenas engraçadas ou situações trágicas, de "O Anjo Exterminador", de Bunuel (um dos cineastas que mais usaram a mesa como exemplo de dedacência da burguesia) aos fellinianos banquetes de "Satiricon". Muitos desses filmes podem ser vistos agora, até o dia 13 de junho, dentro do ciclo "A Gastronomia no Cinema", que o Cinesesc (r. Augusta, 2.075, fone: 282-0213) programou, nos horários que seguem, com ingressos custando Cr$ 3 mil (até às 18 horas) e Cr$ 6 mil (após às 18) e a Cr$ 2.500 para comerciários, e censura, na maioria dos casos, para menores de dezoito.

Hoje, em horários normais, é a vez de "Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu" — EUA, 1980, com direção e roteiro de Jim Abrahams — que inaugurou ontem o ciclo. A censura é livre para um tema banal: não fosse um jantar com peixe estragado, a viagem aérea não teria sido tão desastrosa. "A Comilança" (a glutonice de um grupo de amigos vira metáfora para a decadência de uma civilização), de Marco Ferreri, 1973, com Marcello Mastroianni e Michel Piccoli, será exibido amanhã e segunda-feira, com sessões às 14h, 16h30, 19h e 21h30. Censura dezoito anos.

Quem já esqueceu a cena do ator que interpreta o papel de Cristo e morre preso à cruz depois de matar a fome com ricota, pode revê-la dias terça e quarta-feira próximas, em horários normais, com censura para catorze anos; o filme "Relações Humanas" tem o episódio "La Ricotta" de Pier Paolo Pasolini e outros de Jean Luc Godard, Roberto Rossellini e Ugo Gregoretti. Depois, mais uma vez é a mesa de refeições que funciona como símbolo de status quo do reacionarismo e da hipocrisia em "Montenegro, Pérolas e Porcos", do sueco Dusan Makavejev, 1982, com a ótima Susan Anspack, que será exibido dias 16 e 17. Censura para dezoito anos, em horários normais.

Os dois filmes seguintes têm censura para catorze anos e exibição marcada para horários normais. Cuidado, não misture amor com culinária: é este o tema proposto pra ser pensado em "Quem Está Matando os Grandes Chefes", de Ted Kotcheff, 1978, com a bela Jaquelina Bisset e George Segal, dias 18 e 19. Já "A Última Ceia", do cubano Tomas Gutierrez Alea, 1976, tem exibição marcada para os dias 20 e 21 deste mês.

"Macunaíma" no ciclo

Em "Monthy Python, o Sentido da Vida", a comédia misturada ao grotesco traz como uma de suas cenas mais marcantes a de um gordo que explode de tanto comer. Filme do inglês Terry Jones, 1983, com o grupo Monthy Phyton. Censura dezesseis anos, e sessões às 13h30, 15h40, 17h50, 20 e 22 horas, exibição dos dias 22 e 23. A representação nacional do ciclo fica com "Macunaíma" (uma piscina repleta de feijoada com carne humana, quem lembra?), de Joaquim Pedro de Andrade, 1969, com Grande Otelo, Paulo José e Dina Sfat. Censura dezesseis anos, em horários normais; fica em cartaz do dia 24 a 30.

O mestre do suspense Alfred Hitchcock também está presente com "A Janela Indiscreta", 1954, com James Stewart e Grace Kelly, dias 31 de maio e 1 de junho. Censura catorze anos, sessões às 13h30, 15h30, 17h50, 20h e 22h10. O humor grotesco, mais uma vez, é de Blake Edwards, que em seu filme "Vítor ou Vitória" faz Julie Andrews colocar uma barata morta na salada servida para não pagar o jantar. Exibição nos dias 2 e 3 de junho, censura catorze anos, com sessões às 14h, 16h30, 10h e 21h30.

"Amarcord", de Federico Fellini, 1974, dias 6 e 7 de junho, tem censura para dezesseis anos com sessões às 13h30, 15h40, 17h50, 20h e 22h10; dias 8 e 9, "Encontro Marcado em Veneza", de 1979, de Franco Brusatti, com Mariangela Melato, é censurado para menores de dezoito anos e será mostrado em horários normais. Nino Manfredi, que nem imagina que há veneno em sua comida, no piquenique à beira mar, é ator de "Feios, Sujos e Malvados", de Ettore Scola, 1981, com censura também para dezoito anos e horários normais, dias 10 e 11. O ciclo encerra dias 12 e 13 com "Fome de Viver" (vampiros em decadência não podem ficar em jejum pois envelhecem), de Tony Scott, 1983, com Catherine Deneuve. Censura dezoito anos, horários normais.

Divulgação

Cena de "A Comilança", que está no ciclo que vai até junho

Manifesto pede que Ministério da Cultura assuma compromissos

O documento que transcrevemos abaixo, elaborado por funcionários de entidades oficiais e associações civis ligadas à Cultura, e que discute a necessidade de um programa, de uma política cultural ampla a ser implantada pelo recém-criado Ministério da Cultura, está circulando pelas principais capitais do País desde a última segunda-feira, ganhando importantes adesões, e deverá ser entregue ao futuro ministro da Cultura tão-logo seu nome seja indicado pelo presidente José Sarney. Os elaboradores desse abaixo-assinado preferem não se identificar, confundindo-se com a surpreendente abrangência que o movimento vem alcançando, com a adesão de parlamentares, intelectuais, escritores, cineastas, músicos e artistas, mas sabe-se que entre eles há membros da organização Brasília Mulher, Comissão Brasília do Distrito Federal, Centro de Estudos Afro-Brasileiros e outros movimentos negros, Comissão Pró-Índio, Associação Nacional do Índio e da Associação Nacional dos Docentes. O texto é o seguinte:

O compromisso cultural da "Nova República"

Em razão de sua experiência de trabalho institucional e de ação política junto à sociedade nos âmbitos nacional e local, e sentindo-se legitimados por sua anterior luta — contra todas as dificuldades — em defesa dos segmentos sociais cuja história e produção cultural têm sido sistematicamente obscurecidas ou tornadas objeto de apropriação indébita, trabalhadores em entidades culturais e representantes de entidades e associações civis consideram oportuno declarar publicamente a sua aspiração de que o recém-instituído Ministério da Cultura venha a se constituir como capaz de estar efetivamente a serviço da sociedade brasileira e, assim, tornar-se um dos principais impulsionadores da mudança a que se propõe a "Nova República".

Espera-se, nesse sentido, que em todas as suas áreas de competência o Ministério da Cultura venha a assumir, entre outras preocupações, determinados compromissos considerados como imprescindíveis ao processo de sua contínua legitimação junto aos segmentos sociais que deve ouvir e apoiar.

Somente a adoção desses compromissos e o seu cumprimento serão capazes de tornar esse Ministério exemplar no atendimento ao interesse público que, incluindo os interesses de específicos setores sociais, assim como determinadas reivindicações político-partidárias e, também, os argumentos de personalidades importantes no processo cultural e político do País, não pode se restringir a seu atendimento exclusivo, sob pena de comprometer sua eficácia para uma atuação voltada à totalidade e à particularidade dos interesses da nação.

São os seguintes os compromissos julgados fundamentais, e aqui explicitados em nível de amplitude a ser particularizada na determinação da política cultural em diálogo com os segmentos sociais representativos da pluralidade cultural brasileira:

— Que a cultura seja amplamente concebida como um processo decorrente dos diversos modos de agir e de pensar da sociedade brasileira. Assim, a política cultural não deverá restringir sua atenção somente a determinadas expressões da cultura, mas estender suas preocupações a aspectos fundamentais desse processo, como, por exemplo: saúde, educação, acesso e uso do solo, trabalho, habitação, etc.

— Que a pluralidade e a diversidade cultural sejam respeitadas, mas que a diferença não implique justificativa para a desigualdade social. Nesse sentido, os grupos diversificados em situação de subalternidade por vários fatores culturais — tais como indígenas, negros, ciganos, migrantes, mulheres, favelados, garimpeiros, seringueiros, bóias-frias etc. — devem merecer atenção e apoio especiais para superação desse estado.

— Que se integre à política cultural o compromisso de se discutir amplamente os projetos ditos de desenvolvimento, que implicam alterações consideráveis nos contextos culturais, de modo a avaliar seus possíveis benefícios em relação aos custos sócio-culturais por eles exigidos.

— Que o Ministério da Cultura envide todos os seus esforços para que Brasília, cidade politicamente cassada e culturalmente discriminada, venha a desenvolver as suas potencialidades e desempenhar os papéis para os quais foi concebida, no sentido não só de sediar o poder, mas de responder pelo crescimento do espírito federativo, que decorre do reconhecimento de uma sociedade pluricultural e multiétnica.

— Que a responsabilidade do Ministério da Cultura em contribuir fundamentalmente para o processo de democratização do País se concretize em todos os níveis de sua atuação, assim como nas constantes preocupações de servir aos interesses e à identidade de nossa sociedade plural, e de prestar contas a essa sociedade da política adotada e do trabalho realizado, reorientando-os segundo as indicações originadas no dever do diálogo.

Assinam: Severo Gomes, Fábio Magalhães, Celso Furtado, Antônio Carlos de Brito (Cacaso), CNBB, Luís Carlos Barreto, Joaquim Pedro, Zelito Viana, Sérgio Cabral, Cláudio Tozzi, Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha, Miguel Arraes, João Eudes, Eduardo Suplicy, Bete Mendes, João Calmon, Rômulo Galvão, Cristina Tavares, Haroldo Lima, Chico Pinto, Freitas Nobre, Abdias Nascimento, J.G. de Araújo Jorge, Dante de Oliveira, João Cunha, Roberto Cardoso Alves, Carlos Brandão, Ferdy Carneiro, Ruth Escobar, Marlos Nobre, Tizuka Yamasaki, ANDES (Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior), Pompeu de Souza, José Fragelli, Aracy Amaral, Lisbeth Rebolo Gonçalves, José Alberto Teixeira Leite, David Arrigucci, Roberto Schwarz, Sabato Magaldi, Edla van Steen, Antonio Candido de Mello e Souza, Gilda de Mello e Souza e outros.

Balé Ópera Paulista dança até amanhã

Depois de ter dançado durante todo o ano passado em palcos do interior de São Paulo, está em cartaz na capital a mais nova companhia de dança da cidade, o Balé Ópera Paulista. O grupo se apresenta diariamente às 21 horas, no Teatro Sérgio Cardoso (r. Rui Barbosa, 153), com ingressos a Cr$ 8 mil, numa curta temporada que se encerra amanhã.

A história por trás da formação do grupo é inédita no cenário nacional de dança. Tudo começou quando alguns bailarinos, saídos do Balé Clássico de São Paulo, dirigido por Halina Biernacka, decidiram trilhar caminhos próprios. Eles se juntaram a companheiros de aspirações semelhantes e fundaram o Balé Ópera Paulista. Até aí, nada de novo. O especial fica por conta de uma conquista, o fato de este jovem elenco ter conseguido que uma multinacional do porte da alemã Basf passasse a lhe fornecer o que se convencionou chamar de "apoio cultural", mais conhecido como patrocínio.

O relacionamento de empresas com eventos artísticos já é habitual, mas a manutenção mensal, independente de espetáculos ou produções, de um elenco qualquer, tem todo o sabor de uma novidade. Daí a situação singular do Balé Ópera Paulista, formado por doze bailarinos, quatro estagiários e Sacha Svetloff, seu maître, um argentino com expressivas passagens pela segunda companhia do Joffrey Ballet, dos Estados Unidos, e pela escola do Bolshoi soviético.

A direção artística cabe a Sacha e Ângela Nolf, que se formou pela Escola Municipal de Bailados em 1972, estudou na Hammond School inglesa e dançou no Balé Nacional de Israel. Paulo Branco é o diretor—geral. "A Basf garante aquelas condições mínimas, ou seja, o pagamento do aluguel do estúdio onde ensaiamos e um salário para cada elemento da companhia", ele diz. "Além disso, são eles que fornecem, por exemplo, o programa. Mesmo assim, cada um de nós ainda precisa trabalhar fora da companhia para poder realmente viver da dança."

Estilos diferentes

Além de Paulo, Sacha e Ângela (que assina uma das coreografias do espetáculo), o Balé Ópera Paulista é formado por Brasília Botelho, Lia Bonini, Míriam Druwe, Sônia Soares, Sandro Moreira, Laudnei Delgado, Luís Eduardo Fernandes, Jorge Filho, Sandro Borelli e Valmir Prado. Adriana Oliveira, Leslie Gimenez, Ricardo Liberal e Evandro Furquin são os estagiários.

"Por enquanto, nós ainda não escolhemos uma linha única de trabalho", informa Paulo Branco. "Pretendemos funcionar como um corpo afinado para o exercício dos coreógrafos. Queremos mostrar que podemos dançar estilos diferentes, mas sempre com um rendimento alto. É por isso que não montamos peças de repertório, embora gostemos muito delas."

O programa que a companhia oferece para a estréia paulistana revela exatamente isso. Traz "Concerto para Piano", de Ângela Nolf, com música de G.B. Viotti; "Um Pequeno Teatro do Mundo", de Francisco Duarte, sobre música de Carl Orff, e "Paisagem com Gaivotas", de Luís Arrieta, música de Vangelis. Esta última é uma criação exclusiva para o Ópera Paulista. A coreografia de Francisco Duarte, primeiro-bailarino do Balé Guaíra, de Curitiba, foi premiada no 3º Workshop de Dança promovido no Paraná, no ano passado.

Logo após o término da temporada paulistana, a companhia dá início a uma turnê por Marília, Santos e Araraquara. Em julho, participará do Festival de Joinville, em Santa Catarina, época em que também se apresentará em Curitiba. (HK)

A Random House avança com visão agressiva

Da redação da Folha

A editora norte-americana Random House, uma das mais respeitadas de todo o mundo, colhe sumarentos frutos da decisão de abandonar uma postura já qualificada de "pseudo-intelectual", pelo fato de favorecer autores tidos como "difíceis", para entrar de sola em empreendimentos mais lucrativos. Desde 1980, a editora cresceu 15 por cento ao ano, até chegar, no ano passado, a um faturamento bruto da ordem de 370 milhões de dólares, o que torna muito animadoras as perpectivas para o futuro.

A decisão de mudar foi tomada pelo grupo Newhouse, um império editorial que há cinco anos comprou a Random House da multinacional RCA por 709 milhões de dólares. A reviravolta foi motivada pela sensação de que a empresa estaria perdendo o espírito de competitividade, depois de gloriosos 60 anos de atividades. A preocupação devia-se, sobretudo, à escalada da rival Simon $ Schuster e à erupção de alguns fracassos retumbantes, como o encalhe de uma biografia da milionária norte-americana Barbara Hutton.

Sob a tutela do conglomerado Newhouse, o presidente da Random House, Robert Bernstein, 62 anos, vem orientando a editora por caminhos mais comprometidos com o acúmulo sistemático de dólares. Comprou editoras menores, fez novas contratações e se dispôs a publicar livros expressamente comerciais. Além disso, a Random House adaptou livros de sucesso para o mercado de videocassetes — como é o caso de um curso de culinária — e adquiriu diversas companhias produtoras de jogos educativos e recursos audiovisuais para escolas. O próximo e aguardado passo deverá ser a compra da tradicional revista "The New Yorker".

Seis agências fotográficas mostram o trabalhador em ação

Reportagem Local

"O Trabalho Visto pelos Fotógrafos das Agências de Fotografia" é o tema da exposição que inaugurou ontem no Centro Cultural São Paulo (rua Vergueiro, 1.000), às 19h30, e que poderá ser visitada diariamente das 10h às 22h até o dia 2 de junho. Participam cinco agências brasileiras (F4, de São Paulo; Casa da Foto, do Rio de Janeiro; Ágil, de Brasília; Focontexto, de Porto Alegre, e Vix, de Espírito Santo) e uma internacional (a francesa Gamma, representada no Brasil pela Sigla), com dez trabalhos cada uma, em branco e preto.

A idéia é homenagear o Dia do Trabalho através das imagens do trabalhador fotógrafo. "Organizamos a mostra com as agências de fotografia, que trabalham diretamente com esta comercialização, por serem elas uma das formas crescentes de organização do trabalho dos fotógrafos", explica Iatã Cannabrava, 22, coordenador do setor de fotografia do CCSP.

Engana-se, porém, quem espera encontrar apenas imagens clássicas de operários. Zeka Araújo, da Casa da Foto, por exemplo, mostra um pescador; Kim-Ir-Sen, da ágil, uma prostituta em Rondônia; Maurício Simonetti, da F4, apresenta um alegre abraço num jogo de futebol, e em contrapartida, Walter Firmo, da Casa da Foto, um operário cubano diante de uma estátua de Lênin em Havana.

Estas agências, em geral, estabelecem preços fixos conforme a utilização da imagem; o profissional recebe 50% deste preço. A F4 paulista de Juca Martins, Nair Benedicto e Ricardo Malta, há seis anos no mercado, atua com onze fotógrafos fixos (cinco em SP, seis no Rio) e vinte colaboradores pelo Brasil. "O original é de propriedade do fotógrafo, a agência apenas distribui a imagem no mercado editorial e publicitário", explica Juca Martins, 36. Entre os clientes da F4 estão a revista semanal "Veja" e as três da editora JB — "Domingo", "Viva" e "Info" —, além de estrangeiras como a alemã "Stern", a francesa "Le Express" e a americana "News Week".

Já a Casa da Foto, carioca, há três anos no mercado, trabalha com cincoenta fotógrafos, mas não se vincula tanto à cobertura jornalística como a F4. O grande foco da "Casa", são as agências de publicidade (DPZ, MPM, Norton, Alcântara Machado etc.) e seus clientes.

Além da exposição, o Centro Cultural promove hoje, às 15h30, na Sala Lima Barreto, um debate "informativo e informal" com palestristas da F4, Gamma-Sigla e Angular (que não está na exposição), sobre sua atuação no mercado de trabalho.

ADEGA

Operação Abertura (1)

SÉRGIO PAULA SANTOS
Da equipe de articulistas da Folha

É sabida a longevidade dos chamados vinhos fortificados, como o porto, o xerez e o madeira. São vinhos longevos e, exatamente por isso, necessitam de alguns cuidados especiais de armazenagem e detalhes no seu serviço.

Não cuidar adequadamente de um grande vinho é o mesmo que deixar um quadro de mestre atrás do armário, um cavalo puro-sangue na tempestade ou um Rolls-Royce empoeirado e sujo.

Cuidar bem de vinhos não apresenta tanta dificuldade ou mistério. Para o vinho-do-porto e o madeira, em termos de longevidade, só devem ser considerados os vintages, ou datados. A data inscrita no madeira ao lado da palavra "Solera", como vimos ao tratar desse vinho, não é a da safra, mas a do mais antigo corte ou componente que o vinho contém.

O próprio porto geralmente é um vinho cortado. Apenas os das melhores safras, cerca de duas ou três vezes em cada dez anos, resultam em vintages. Esse vinho amadurecerá em tonéis de 520 litros por um tempo que varia entre dois a cinquenta anos. Aos vinte, já estará suave, macio e redondo. Mais antigo, ficará aveludado, atingindo a perfeição.

Qualquer porto datado pode figurar entre os melhores da terra, e sempre haverá mais demanda do que oferta. O envelhecimento lento exige, evidentemente, não apenas paciência mas principalmente recursos para o capital imobilizado.

Nessas circunstâncias, o grande porto não é um vinho para o homem moderno, apressado e sem tempo para realizar o que come ou bebe.

As maiores firmas produtoras de porto, adaptando-se aos tempos que correm, passaram a fornecer, ao invés de dez ou quinze tipos de porto, como antes, apenas três ou quatro regularmente, os mais sofisticados com vinte anos de casco, além, naturalmente, dos vintages, que poderão ser guardados por tempo quase ilimitado.

Pode-se afirmar que quase todas as cinquenta ou sessenta casas produtoras de porto possuem estoques de vinho do início do século passado. Recentemente, vimos na A.A. Ferreira & Sucessores (Ferreirinha) garrafas de 1815 e degustamos uma de 1863, digna de ser bebida de joelhos.

Tratar de vinhos centenários potáveis não é utopia. Que os vinhos fortificados suportam a passagem do tempo, o sabemos. Bem guardados, envelhecerão com dignidade e poderão ser magníficos presentes ou heranças valiosas, para os que os conheçam e os valorizem.

Dispomos ainda de três ou quatro garrafas não datadas com cerca de 120 ou 110 anos comprovadamente na família, graças à previdência e generosidade de meu avô materno português e de meu pai. Se os bebermos com as habituais más companhias e companheiros de copo, pois vinho não é prazer solitário, poderemos deixar ainda na adega vários vintages do início do século, que futuramente serão bebidos como centenários.

Quem os beber verá.

Como manusear e abrir essas vetustas garrafas? Com cuidado, carinho e respeito. Queremos crer que a decantação e o reengarrafamento, para aumentar a longevidade do vinho, implica riscos desnecessários.

Abrir um porto centenário é sempre uma experiência excitante e feita sob tensão. Não há como negar, a expectativa, a pré-libação e a possibilidade de uma frustração são sempre preocupantes.

O risco, entretanto, graças a Deus para quem o pode, tem de ser corrido.

Suzanne Chantal, em seu maravilhoso romance sobre o vinho-do-porto, "Ervamoira" (Ed. Olivier Orban, 1982, que será traduzido para o português este ano), relata o cerimonial de abertura de um porto antiquíssimo.

Usaram-se ferros em brasa para cortar o gargalo, evitando-se a remoção da rolha, manobra difícil e não isenta de riscos. Reconhecendo o conhecimento de causa da autora, quer nos parecer seja o uso dos ferros aquecidos mais folclórico do que real.

O novo saca-rolhas americano "Screw Pull", com a espiral de aço inoxidável revestida de silicone (já produzido entre nós), é, a nosso ver, um auxiliar necessário mas não suficiente.

A sugestão que aqui damos foi aprendida de José Antônio Ramos Pinto Rosas, diretor-presidente da firma Ramos Pinto do Porto e proprietário de algumas centenas de portos antiquíssimos. Certamente, não será a única técnica exequível, mesmo porque os problemas difíceis geralmente comportam mais de uma possibilidade de solução. Mas, por nós experimentada algumas vezes, tem-se mostrado plenamente satisfatória.

Sugere Rosas iniciar a "operação abertura" com um saca-rolhas dos que injetam ar por uma agulha que transfixa a rolha e, cuidadosamente, por injeção de ar, desimpactar a mesma das paredes do gargalo, elevando-a alguns milímetros.

A seguir, usa o Screw Pull, que, delicada e suavemente, traciona e remove a rolha por inteiro com um mínimo de dano, por mais frágil e ressecada que esteja.

Aberto, é servi-lo com cuidado, para que a borra depositada em tantos anos não chegue ao copo.

O prazer de tomá-lo só poderá ser comparado ao de compartilhá-lo. Saúde!

P.S.: E a decantação? Fica para outra vez.

CARTAS

'Fiscalização' de teatros

"Adquirimos com antecedência um casal e eu, entradas (a Cr$ 20 mil) para o espetáculo de Jô Soares no último dia 5 de Abril. Lugares na fila catorze, ótima localização. Entretanto, o espaço entre nossa fila e a da frente estava com uma fileira de cadeiras extras, mais altas do que as poltronas e assentadas em local onde o piso apresenta uma lombada, tapando totalmente nossa visão. Solicitamos almofadas, mas a gerência não pôde nos atender, pois a comodidade do espectador pouco importa. O que interessa é faturar, ainda que seja para desrespeitar as leis de segurança, pois o teatro inteiro estava com cadeiras extras nos espaços de circulação, o que num caso de emergência causaria um desastre sem proporções. Existe fiscalização ou o departamento competente para esse fim já está na 'gaveta'?"

Jurema Figueira da Silva (São Paulo-SP)

Bigodes no poder

"Não poderia deixar passar em brancas nuvens o artigo publicado na **Ilustrada** 'Com Sarney, os bigodes no poder'. Seu autor, Ruy Castro, inegavelmente escreve muito bem. Mas, o mau gosto do tema e a vulgaridade com que se referiu ao presidente do Brasil é de dar engulhos a qualquer estômago. O que mais me chocou, porém, foi o fato de um jornal do porte da **Folha** ter dedicado uma página inteira de um de seus cadernos a tal artigo."

Mônica Simonsen Allegro (São Paulo-SP)

Ainda o jovem assessor

"Lendo a **Ilustrada** de 16/05/85 fiquei chocado com o artigo 'Cada Ministério tem o blefe que merece' de Pepe Escobar, no qual o jornalista destrata Marcelo Rubens Paiva, o mais jovem assessor da atual composição ministerial.

"Diante do equivocado texto, achei pertinente fazer duas observações:

"1) Pepe acusa Marcelo de pertencer a 'uma geração passiva e indolente', e que se sustenta no 'drama de geração'. Ora, ao aceitar o cargo de assessor especial do Ministério da Cultura — e consequentemente querer participar e intervir com idéias e projetos — o jovem escritor não está, justamente, negando tais adjetivos?

"2) Ao postular para o referido cargo um 'visionário', 'alguém substancialmente contra', Pepe deixa-se envolver na mais primária ingenuidade. Se existe um espaço, vamos ocupá-lo, ora bolas!

"Hoje temos Marcelo? Amanhã teremos José Celso.

"Artigos ressentidos, nesses casos, só cheiram a dor-de-cotovelo."

Nélson Sato (Londrina-PR)

O jornalista e o político

"Em artigo recente, o amigo Paulo Sérgio Pinheiro enganou-se com certeza ao mencionar o nome de Jean Lecanuet como o autor de uma conferência sobre Pierre Mendès-France. O referido conferencista ainda era citado como 'o autor de uma biografia de Ho Chi Minh' e também como jornalista do jornal francês 'Le Monde'. Ora, esse conferencista só pode ser Jean Lacouture, que escreveu também, se não me engano, livros sobre Mao e Fidel Castro.

"Quanto a Jean Lecanuet, trata-se de um veterano político francês, chefe de um pequeno partido relativamente inexpressivo denominado Centro Democrático. Creio que Lecanuet chegou a ser senador, mas jamais escreveu nenhuma obra de grande repercussão."

Alberto Flaksman (Rio de Janeiro-RJ)

Linguagem e diagramação

"Não sou música nem roqueira, mas adorei o **Folhetim** dedicado à nova Jovem Guarda. Enfim, esse **Folhetim** está com uma linguagem mais condizente com sua época, com seus leitores. Não apenas foi boa a iniciativa de escolher esse tema, como ele foi muito bem realizado. Até a diagramação está surpreendente!"

Ziva Dischi (São Paulo-SP)

Retrato autêntico

"Cumprimentos à equipe **Folha**(tim) pelo de domingo, 28/04/85 e em especial pelo artigo de José Miguel Wisnik.

"Até 'quenfim' um retrato autêntico, original e atual da querida música Patropi".

Kátia Maria Fernandes (São Paulo-SP)

DOMINGO NO
FOLHETIM

CMP 1.2.2.201-2

PRIMEIRA LEITURA

Kylkerri Pedro Kilkerry.

"Notas Trêmulas" têm um propósito crítico claro. A "Novela Acadêmica 1" tem início com a descrição da paisagem de uma cidade e se prolonga pela discussão entre estudantes que saem de uma escola. A discussão é sobre o caráter mesmo dessa paisagem: sujeira, pobreza, mornidão, tristeza; textualmente: a cidade **amornava**... a casaria **preguiçando**... um chiado **vagaroso**... árvores **magras, esqueletadas**... paredes de caio **sujo**... trabalhadores chulando a **saudade** dos agros longes...

A discussão revela várias intepretações. A forma de diálogo adotada no texto se presta mesmo para a exposição de pontos de vista diferentes. Assim a cena se inicia com um **nós** ("saíramos da escola") logo dividido em um **eu** e "**meus companheiros** de consciências adormentadas", sendo que o eu se situa, por oposição a "consciências adormentadas", como consciência crítica.

Pela generalidade dos comentários interpretativos, temos que a paisagem da cidade se amplia: Salvador — Bahia — Brasil. O que está em discussão no diálogo entre os estudantes é o tema Brasil ou "identidade do brasileiro". Sobre a paisagem dizem os companheiros: "é tudo mau", "um desequilíbrio de forças no nosso cosmo raquiticamente social", ao que o narrador do texto retruca sarcasticamente: "que queres, (...) vai culpar o sr. Atavismo que se consubstanciou num povo celular ou tem avô moleque (...) aburaca o ventre do primeiro homem que te rememore um colono de d. João 3".

A estrutura externa é a do diálogo (várias vozes) mas a estrutura real não é dialógica, já que um dos pólos (eu-eles) fixados pelo texto, identificado com a voz do narrador e assumindo o poder que lhe confere a narração, usa da ironia para criticar as outras vozes; no caso critica-se a aparente consciência da "geração de idéias formosas e moças", a ingenuidade de sua visão explicitamente marcada como resultado de um humanismo metafísico idealista.

Na "Novela Acadêmica 2" temos dois personagens nitidamente caracterizados e mesmo caricaturados nas suas posturas (o narrador carrega um deles de marcas de positividade e o outro de negatividade). Hildé — "robusto mestre em rir das coisas/ simpatia luminosa dos que despertam as inteligências vivas/ necessidade de agir, de sacudir todas as teias da alma/ prazer dos que descobrem e criam a vida/ o eternamente novo". Nestor — "religião timorata/ timidez religiosa/ respondendo com olhos átonos não respondia/ assim foi que tremeu, assim foi que não falou". Essas marcas de positividade e de negatividde hierarquizam as vozes do texto e evidenciam a identificação do narrador e consequentemente do autor com Hildé, o "mestre em rir das coisas".

Critica-se desta vez o indianismo como visão ingênua e ufanista do Brasil, pela paródia a Gonçalves Dias ("O carão glabro do sol faiscava ferruginoso, um tanto cor de Gonçalves Dias! Ah! Dias, tua terra tem palmeiras, tem, tem...") e pelo sarcasmo com o Guarani de Carlos Gomes (" — Conheces os melhores executores da sinfonia do Guarani? — São os burros da velha tração daquelas caixas que peneiravam, como os de uma negra de amba. Ainda há pouco, duma daquelas alimárias despreocupadas, (...) duma alimária peluda ouvi as notas de um indianismo desprezante...").

Nos dois textos ("Novela Acadêmica 1 e 2") o narrador situa posições antagônicas quanto à questão Brasil e se situa diante delas. No primeiro temos a recusa de idéias, que gozavam de certo prestígio na época, sobre a identidade do brasileiro. No segundo, a recusa de uma determinada leitura que se fez do homem e da cultura brasileira — o indianismo romântico. Textualmente temos a crítica a uma visão irrealista, fantasiosa de um Brasil edênico ("como não haviam de ser belos os Brasis") e consequentemente a crítica à linguagem enformada por essa visão.

Não nos parece exagerado afirmar que Kilkerry põe em questão, pela ironia, as premissas de alguns conceitos básicos na definição do homem brasileiro. Nesse aspecto, Kilkerry antecipou uma das preocupações que iriam marcar os nossos modernistas de 22: redescobrir o Brasil. Não é essa a preocupação de Paulo Prado em "Retrato do Brasil", de Mário de Andrade com o "Macunaíma" e de Oswald de Andrade nos Manifestos de 22 e 28 e na "Poesia Pau Brasil"?

Em relação a este último, a obra Kilkerriana apresenta pontos de contacto, de semelhança, que se mantêm mesmo consideradas as diferenças. Há em Oswald, como bem o disse Benedito Nunes, "um programa de re-educação da sensibilidade e uma teoria da cultura". Em Kilkerry não há nem programa, nem teoria, a rigor. Mas um mesmo espírito de inquietação e de crítica, dirigido para os mesmos alvos, está presente em Oswald e em parte da obra kilkerriana. E não é de todo impossível supor que Oswald tivesse conhecimento, ainda que indireto, dos escritos de Kilkerry. Oswald refere-se elogiosamente a Edgard Sanches na "Revista de Antropofagia nº 5": "Há homens, meu caro, no Brasil novo. Acabo de conhecer Edgard Sanches, lente de filosofia do Direito na Faculdade da Bahia. Um homem fecundante. E também estupendo". Esse mesmo Sanches foi colega de Kilkerry na Faculdade de Direito e seu amigo pessoal no depoimento de Chiacchio ("Filósofo, esperava um em Jackson de Figueiredo, outro, em Edgard Sanches, seus amigos, como o sabia ser de poucos").

Além disso, um elemento de mediação se evidencia entre Oswald e Kilkerry: o pensamento nietzschiano. Nietzsche definiu a interpretação como o trabalho de busca de sistemas subjacentes aos sistemas aparentes, de descobertas de latências sob o visível, de estruturas profundas sob estruturas superficiais. A inversão e o deslocamento de perspectivas são o essencial de seu método. Que são a inversão e o deslocamento de perspectiva nietzschiano senão a leitura crítica que estamos identificando em Kilkerry e que já foi várias vezes apontada em Oswald?

Em "Notas Trêmulas" o procedimento de inversão é claro. O narrador descreve um personagem como um texto-enigma que ele deve decifrar. A metáfora de leitura é textual: "Página quente! Se mais de interpretar, se mais esfriada! Ah! deixa-m'a ler à distância". Denominamos **text-enigme** porque ao mesmo tempo que ele se apresenta virgem à leitura ("a tua nudez é uma página em lápis-lazúli vivo, para muito ouro"), é, também, já completamente assinalado, marcado ("mas também retraçado de hieroglifos").

A leitura realiza a tarefa de desfazer as camadas de significado já inscritas no texto para fazer nova inscrição. O assassino (socialmente assinalado como o mal) torna-se o poeta (textualmente conotado como o bem). O esvaziamento de um código moral correspondendo a outro código de uma moral libertada e apontando para a libertação de qualquer código moral. O trabalho de inversão se mostra como etapa necessária e sempre já indica o objetivo final de uma leitura desconstrutora.

A oposição eu-eles, já anotada na "Novela Acadêmica 1 e 2", também se mantém aqui, assinalando a diferença entre a repetição de significados fixos (voz coletiva, senso comum — lembramos aqui a moral de rebanho nietzschiana e "a espécie oceânica dos homens" de Kilkerry) e a criação de um novo significado (trabalho inaugural, necessariamente individual, solitário).

Crônicas jornalísticas. Anotamos desde logo que a crítica é mais contundente aqui que nas páginas de prosa poética. As "Quotidianas" misturam notícias-anúncio, crônica sócio-cultural, crítica de fatos imediatos, de fatos gerais, comentários digressivos. No mesmo espaço (a coluna de jornal) várias modulações de linguagem: a linguagem séria, bem-comportada, poética, e a irônica, jocosa e anti-poética. Põem num mesmo contexto a crítica às ordens sociais, políticas e culturais.

A linguagem joco-séria, atualização de uma face de ironia kilkerriana, desconstrói radicalmente um texto que pretende apresentar uma indiscutível unidade. O característico da linguagem joco-séria é dar um tratamento ambivalente ao objeto analisado, é fazer detonar a plurivocidade, a multissignificação de todo texto, de todo fato.

A sétima das "Quotidianas" desenvolve-se a partir de um acidente circunstancial (passagem pela porta de uma escola onde as crianças são surradas) para explodir no final com uma crítica a todo o sistema educacional. A máxima de Taine ("o pensamento inteiro do homem se concentrou num só ponto: o melhoramento morai") antes de ser enunciada já foi totalmente negada e soa comicamente nesse contexto. Aqui temos a passagem da situação concreta, particular e circunstancial, para o geral, abstrato e universal, e a ironia dá ênfase à discrepância entre os dois planos.

Na sexta das "Quotidianas" temos o movimento inverso: passagem do geral para o particular. O resultado é também a não sintonia entre os dois planos. De início são citadas duas máximas ("a propriedade é um roubo" e "o amor tudo faz") negadas por uma prática que as interpreta muito livremente (ou talvez muito literalmente). Na verdade o movimento aqui é mais complexo que na crônica anterior. Aí a prática punha em xeque a teoria. Aqui só aparentemente criticam-se as máximas; na realidade aponta-se a generalidade que permite várias aplicações concretas (no caso a justificativa para o crime) e sobretudo critica-se a pretensão à modernidade no uso de "verdades" tão antigas. O texto termina com a inversão de duas máximas no mais perfeito estilo joco-sério: "que a propriedade é um roubo não há mais escroque europeu que pense isso: que o amor tudo faz é coisa fóssil para os lábios de quem ama, ainda que loucamente".

Denunciando o afastamento entre a generalização das máximas e dos aforimos e a concreticidade da vivência dos fatos, o abismo entre a abstração e a prática, Kilkerry está buscando aproximar a vida e a reflexão sobre o viver, querendo alcançar a unidade buscada por Nietzsche quando recria a imagem do filósofo-poeta que opera circularmente os movimentos vida-pensamento, pensamento-vida.

Nessa mesma crônica Kilkerry critica as "pretensões ao hodierno" e o "instinto da modernidade" que conduzem ao modernoso, a aparente novidade. A afirmação "o homem de hoje deve nascer, nasce, com o instinto da modernidade" é fortemente irônica, conforme leitura do contexto. Já na "Novela Acadêmica" (1911), ele criticara "os grandes representantes da Arte Moderna e pavoneantemente modesta". Essa crítica não se faz em nome de um posicionamento passadista; muito pelo contrário, ela se faz em nome de uma "real" modernidade, do verdadeiramente novo. Na primeira "Quotidiana", que abre a série de oito crônicas e que tem o caráter quase de manifesto, a modernidade é a "consciência do momento". Define-se aí a necessidade de avaliar a vida moderna e de se posicionar diante dela: "Mas onde e quando repousar, refletir na 'polis' moderna, (...) que se eletriza, cinemiza, automobiliza e mal pode ter um ai!, para o que for esmagado, fulminado à pressão assassina ou inocente das rodas dos pneumáticos e das concorrências econômicas? Dentro do tempo, nas vagas do tempo, com a bússola da experiência, teremos norteio quotidiano".

E ainda nessa crônica o autor se manifesta pela adequação linguagem(objeto ou arte)—vida: "A poesia é a própria vida tumultuada, sem retardo, sem moras, sem decrepitude"; e logo em seguida: "O metro é livre, vivamo-lo". Não é difícil perceber aqui rastros das idéias futuristas expostas no primeiro manifesto de 1909 que foi traduzido e publicado neste mesmo ano em Salvador.

Aqui identificamos uma dimensão da obra kilkerriana que vai encontrar paralelo, alguns anos depois, na obra de Oswald de Andrade: a ideologia do novo. Entre os dois, mais uma vez, a mediação nietzschiana.

Kilkerry — "Olhos novos para o novo! Tudo é outro ou tende para outro!" (Q 1). Nietzsche — "Ouvidos novos para uma nova música. Olhos para o mais longínquo. Uma consciência nova para as verdades mudas até o dia de hoje" ("Anti-Cristo"). Oswald — "Ver com olhos livres" ("Manifesto Pau Brasil").

Essa consciência nova de que fala Nietzsche é a marca propriamente da postura kilkerriana e alimenta a dimensão crítica de sua obra. É o resultado da avaliação da "decrepitude" das formas literárias convencionais em descompasso com a "polis moderna". Uma nova maneira de ver e ouvir deve, necessariamente, corresponder a uma nova forma de dizer.

Prosa crítico-literária. A crítica literária kilkerriana está longe dos padrões da crítica tal como a concebemos hoje. Não é nem descrição, nem interpretação, modalidades que toma o texto como objeto de sua fala; na crítica kilkerriana o texto-objeto se torna pretexto para comentários, digressões e afirmações que dizem mais das posições estéticas do próprio Kilkerry.

Assim, da crítica ao livro de Damasceno Vieira, Kilkerry parte para considerações sobre a "estagnação de nossa vida literária" e o pouco êxito do referido livro é tido como consequência da não correspondência aos padrões do (mau) gosto dos seus leitores. O elogio ao livro cresce na proporção em que se critica a expectativa dos leitores e, por extensão, da intelectualidade da época. A Carta a Jackson de Figueiredo, texto capital para o estudo do pensamento estético de Kilkerry, é também permeada de indicações sobre o "nosso mundo literário": "Anda rasando tudo o pássaro da sombra: apaga o variado e o multiforme e tenho que ele está chocando o ovo de uma uniformidade imensa e redonda". E em "Verdadeira Poesia": "Falece-lhe (a Gilka Machado), de tal jeito, a qualidade mestra de nosso vate, incapacidade flagrante de meditação de pensamento poético. Entre nós, ele metrifica de vezo, prosaísmos pretensiosos, lugares comuns, a frase feita, e chora, na dor atual, sob um céu magnífico, com a melancolia de antepassados mais ou menos ingênuos".

A ironia é o fio que percorre todos os textos críticos de Kilkerry; carregada de sarcasmo quanto se dirige ao mundo artístico baiano, e abrandada, mas presente, quando remete aos autores estudados, ainda que ele os considere acima "das mediocreiras irregulares". Em relação ao livro de Damasceno Vieira: "O teu livro é bom, é excelente, relativamente aos que andam por aí fora, perpetrando literatura".

Mas qual a premissa que fundamenta o seu julgamento, ou ainda, qual o critério de sua avaliação crítica? Buscando o que informa o seu ideário estético encontramos, aqui novamente, o que chamamos noutro momento de "ideologia do novo". Ressalta-se e valoriza-se a individualidade, a originalidade e a criação, diante da norma, do convencional e da repetição. Sobre Damasceno Vieira: "É através de todo o teu livro, vê-se um parnasianismo correto, um lirismo fluido em que fulgem motivos românticos, uma individualidade mais palpitante que a do sr. teu pai: no teu parnasianismo há coisas tuas, não és simplesmente o marmoreiro que vem de Leconte até nossos dias". Ou: "Por isso mesmo que é original, mme. Cécile Périn usa da própria retina para ver, sem adstrições a igrejas literárias ou regrinhas de pandilha snob". Ou ainda: "Nesta terra ferace de poetas, a sra. Gilka Machado é do número exíguo dos que não têm a preocupação indígena da maioria: o verso, na correção das sílabas, ideal mendigo de idéias, mais o guizalho da rima, para a indigência dos leitores, atordoando".

Noutro texto Kilkerry explicita a defasagem entre a preposição do artista e a expectativa social; o hiato que aí necessariamente se estabelece, converte-se de fato negativo em positivo, porque responde mesmo à necessidade do novo: "É próprio de seres assim ultrapassar as idéias e ideais de seu tempo; disso, a incompreensão — contristante a ignorância de máxima parte dos 25 milhões de cabeças para ler".

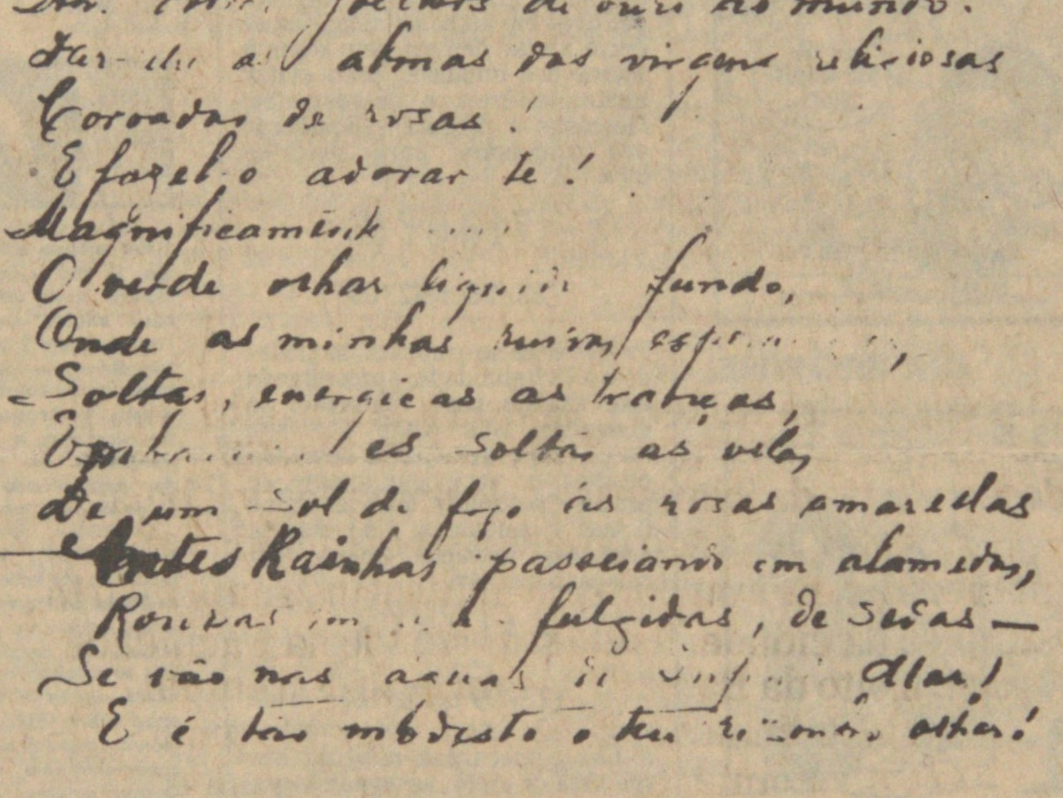
O novo não é em si mesmo negativo ou positivo. A novidade pela novidade não se justifica, como já advertira o formalista russo Tynianov, que propôs inclusive a substituição do slogan "liberdade de criação" por "necessidade de criação"; ou como diz Kilkerry: "O novo diz de uma necessidade nova".

Concluindo: limitamo-nos aqui a apontar a possibilidade de, reunindo afirmações esparsas na sua prosa, rastreando fragmentos de idéias, percebendo-lhes certa unidade lógica, delinear o contorno de um programa estético, o esboço de um projeto artístico e de um ideário estético, alimentado pelo que chamamos "ideologia do novo" e suporte coerente de sua produção poética.

VERA NOVIS é professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia.

Em número de poemas (incluindo manuscritos, fragmentos e traduções), textos críticos, prosas poéticas e crônicas jornalísticas, a obra de Pedro Kilkerry não é de muita quantidade, mas de muita qualidade. No que se refere especificamente à sua poética, estudiosos já fizeram aproximações reveladoras entre a produção kilkerriana e as de Mallarmé, Rimbaud, Laforgue, Gregório de Matos e principalmente Lautréamont

Fotos Divulgação



Na série de crônicas sob o nome de "Quotidianas", Kilkerry mostra — num mesmo espaço e contexto de crítica às ordens sociais, políticas e culturais — várias modulações de linguagem, da séria e bem-comportada à jocosa e antipoética. No geral, sua prosa se caracteriza por um tom irônico e sarcástico, marcado por um estilo "nervoso", sendo que na prosa poética detectam-se pontos de contato com o texto modernista oswaldiano. Por outro lado, a ideologia do novo, presente em Oswald ("ver com olhos livres"), é também antecipada em Kilkerry ("olhos novos para o novo")

Fotos Divulgação

Evohé Primavera!

Primavera!—versos, vinhos...
Nós, primaveras em flor.
E ai! corações, cavaquinhos
Com quatro cordas de Amor!

Requebrem arvores – ufa! –
Como as mulheres, ligeiro!
Como um pandeiro que rufa
O Sol, no monte, é um pandeiro!

E o campo de ouro transborda...
O' Primavera, um vintem!

Uma patrulha do bem

Onde é que se compra a corda
Da desventura, tambem?

Agora, um rio, agua esparsa...
Mas aguas claras de um rio,
Lavem-se as pennas a garça
Do riso, branco e sadio!

E o dedo estale, na prima..
Que primaveras, e em flor
Ai! corações, uma rima
Por quatro versos de Amor!

Pedro Kilkerry

O poema "Evoé!", de Kilkerry, numa página de revista; o poema é datado, a mão, de 21 de setembro de 1910

Kilkeuy Pedro Kilkerry.

O Pato

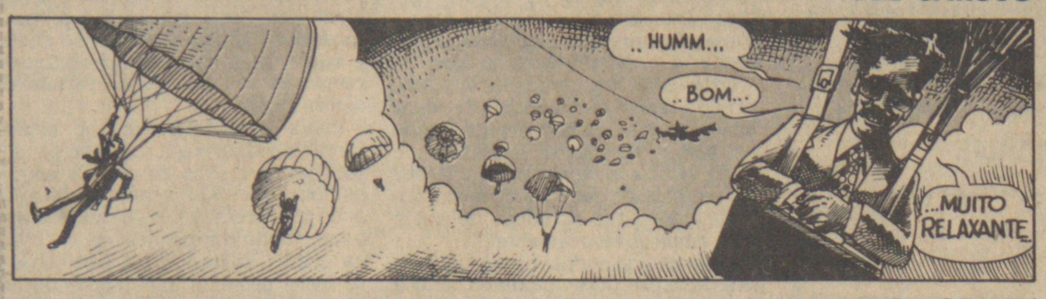
CIÇA

Doonesbury

GARRY TRUDEAU

As Mil e Uma Noites

PAULO CARUSO

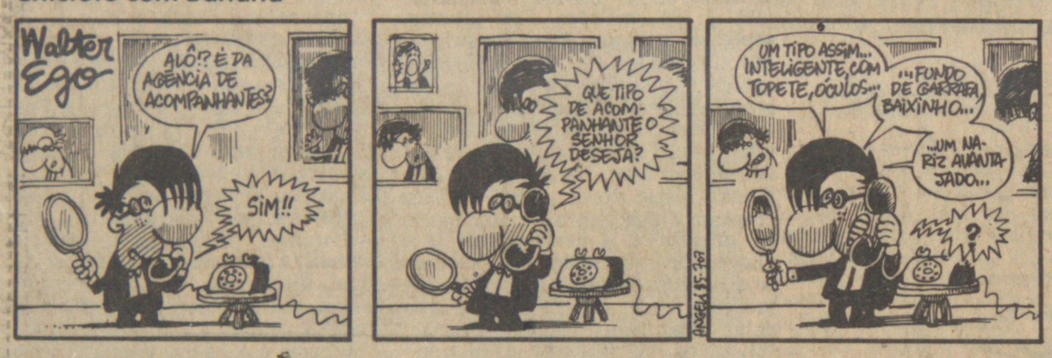


Cathy

CATHY GUISEWITE

Chiclete com Banana

ANGELI



Hagar

DIK BROWNE

Geraldão

GLAUCO

Li e Lu

DIK BROWNE

Cebolinha

MAURÍCIO DE SOUZA

CRUZADAS★CRUZADAS★CRUZADAS★CRUZADAS★CRUZADAS

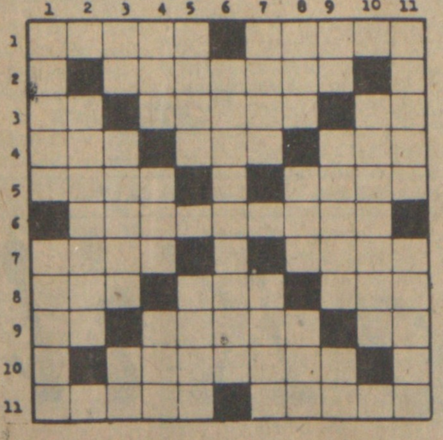
HORIZONTAIS — 1 — Canal, aqueduto — Vaso de metal, plástico ou madeira para tirar água dos poços — 2 — Maltratado — 3 — O astatine — Chamamento — Sigla do Paraná — 4 — Guri — Eixo — Anel — 5 — Coisa — Punhal malaio — 6 — Adição de letra ou sílaba no fim de uma palavra (pl.) — 7 — Animal bravio e carnívoro — Bolsa — 8 — Mulato alvacento — Espaço de doze meses — A pátria — 9 — Nota musical — Certa raça de cães perdigueiros — Graceja — 10 — Cacetada — 11 — Variedade de equídeo africano — Erva rasteira e fina.

VERTICAIS — 1 — Indígena da tribo aruaque — Enganador — 2 — Banco de três pés — 3 — Forma arcaica do artigo O — Jaquapé — O chumbo — 4 — Designação tupi-guarani para mato ou folhagem — Época — Casa ou balcão onde se servem bebidas — 5 — Garupa — Pequeno caranguejo do Brasil — 6 — Que tem seis ângulos — 7 — Expulse — Esvasiar — 8 — Milho torrado, moído e temperado — Anagrama do sistema de unidade que foi adotado pelo Congresso de 1881 — Composição poética — 9 — Tecido fino como escumilha — Praia — 10 — Fugir com o corpo em todas as direções — 11 — Engano (pl.) — Seca.

Solução de ontem

HORIZONTAIS — 1 — canal; galho; 2 — azémola; 3 — og; ovalo; lb; 4 — sou; era; lar; 5 — erse; mago; 6 — jaguapeba; 7 — ledo; lira; 8 — ato; nhó; oti; ra; toada; or; 10 — barrote; 11 — oxala; risco.

VERTICAIS — 1 — crase; largo; 2 — gorjeta; 3 — na; usado; bá; 4 — azo; ego; tal; 5 — leve; nora; 6 — marralhar; 7 — gola; odor; 8 — alô; mel; ati; 9 — lá; bábio; es; 10 — lagarto; 11 — ombro; airão.



HORÓSCOPO

CLAUDIA HOLLANDER

O Sol passa pelo 21º grau de Touro, e a Lua, na fase cheia, está em Aquário, tornando-nos mais progressistas. Às 14h35 a Lua começará a minguar.

CARNEIRO

(21/03 a 20/04)

Este sábado será apropriado para você conviver com os amigos, reforçando velhos laços. Os passeios a clubes ou associações poderão ser estimulantes, além de permitir que você estabeleça novos contatos e conheça gente muito interessante. No amor, reina um astral de entendimento e fraternidade.

TOURO

(21/04 a 20/05)

Saturno pode atrapalhar seus relacionamentos, especialmente à noite, quando você deverá precaver-se contra as atitudes auto-repressivas. Em compensação, este sábado será ótimo para você fazer pequenas modificações em casa e organizar tudo melhor. Reserve uma parte do seu tempo para relaxar.

GÊMEOS

(21/05 a 20/06)

Não se envolva em aventuras complicadas e aproveite este dia para esclarecer quaisquer mal-entendidos que existam em relação aos outros. Urano faz com que todos os seus contatos se estruturem sobre uma grande amizade, mas Saturno desaconselha as atitudes implicantes ou exigentes demais.

CÂNCER

(21/06 a 21/07)

O período mais favorável será o da manhã, quando Júpiter e Urano estarão elevando o astral, além de favorecer todas as inovações que você deseje fazer. À tarde a Lua começará a minguar, afetando seu psiquismo e podendo provocar certa instabilidade emocional. Procure manter o equilíbrio.

LEÃO

(22/07 a 22/08)

O Sol em quadrado com a Lua pode instabilizar suas emoções e inclinar a atitudes um tanto competitivas em seus contatos. Não se deixe afetar demais nem fique à mercê dos impulsos, para evitar atritos estéreis e desgastantes. Descanse e procure reequilibrar seu psiquismo, para sentir-se bem.

VIRGEM

(23/08 a 22/09)

Precavenha-se contra a inquietude e a irritabilidade, aproveitando este sábado para realmente se distender. Não deixe que sua necessidade de ação e novidade desgastem você inutilmente, e procure restaurar suas energias físicas e psíquicas. Não discuta nem aja impacientemente em relação a seu par.

BALANÇA

(23/09 a 22/10)

A Lua começará a minguar em sua casa do amor, assinalando um dia em que convém evitar atitudes instáveis na vida sentimental. Mantenha o autocontrole e não se deixe levar por impulsos momentâneos, que tendem a mostrar-se completamente contraproducentes em relação à pessoa amada. Vá com calma!

ESCORPIÃO

(23/10 a 21/11)

Esteja alerta para não provocar situações tensas em casa e aja com todo tato. Júpiter e Urano favorecem as mudanças que você deseje fazer no ambiente doméstico e facilitam as questões envolvendo imóveis. À noite Saturno aconselha a evitar o mau humor e as atitudes repressoras.

SAGITÁRIO

(22/11 a 21/12)

Com Urano e Júpiter vibrando harmoniosamente, o período da manhã promete ser favorável, mas à tarde a Lua entra em seu quarto minguante e pode inclinar a uma certa inquietude íntima. Não se deixe afetar por pensamentos melancólicos e mantenha o alto astral vibratório que o caracteriza.

CAPRICÓRNIO

(22/12 a 20/01)

A Lua pode inclinar a atitude instáveis ou emocionais demais em seus contatos sentimentais e o aconselha a manter uma atitude prudente. Não se envolva em nenhum tipo de especulação e esteja alerta para não gastar demais, sob a ação de impulsos momentâneos. Relaxar lhe fará bem.

AQUÁRIO

(21/01 a 19/02)

Pela manhã seu astral estará elevado, graças ao contato harmonioso da Lua com Júpiter, que está em seu signo, e com Urano, o seu regente. Mas à tarde, a Lua começará a minguar e pode inclinar a uma certa instabilidade em suas atitudes. Repouse ao máximo e reequilibre-se por dentro.

PEIXES

(20/02 a 20/03)

A posição da Lua torna este sábado ótimo para você se introverter e meditar. Os momentos de solidão poderão ser especialmente enriquecedores e muito estimulantes para o seu psiquismo, mas não alimente pensamentos sombrios, sintonizando-se com uma corrente vibratória elevada e positiva.

TELEVISÃO

Horários e programação são fornecidos pelas emissoras. Reclamações devem ser encaminhadas pelos telefones. Cultura: 263-9111; TVS: 264-9199; Globo: 826-8222; Record: 542-9000; Manchete: 282-3122; Gazeta: 287-4322; Bandeirantes: 211-3011.

FILMES NA TV★FILMES NA TV★FILMES NA TV

Entre os filmes do sábado, o belo faroeste "Vera Cruz", na Globo, "Uma Jovem Tão Bela Como Eu", de Truffaut, na Bandeirantes, e "Homens em Guerra", de Anthony Mann, no SBT.

O GRANDE GUERREIRO (Chief Crazy Horse). **Globo, 13h25.** EUA, 1955. Direção: George Sherman. Com Victor Mature, David Janssen, Suzan Ball, John Lund.

Biografia do famoso chefe dos Sioux, Crazy Horse (Cavalo Louco), que depois de gloriosa existência viu se abaterem sobre sua memória umas tantas desgraças: uma delas, a de ter sido representado por Victor Mature; a outra, de tornar-se nome de um famoso cabaré parisiense. O filme, em si, não dá para resgatar essas dívidas dos brancos em relação a Cavalo Louco.

LOURAS, MORENAS E RUIVAS (It Happened at the World's Fair). **Manchete, 13h30.** EUA, 1963, 105m. Direção: Norman Taurog. Com Elvis Presley, Joan O'Brien, Gay Lockwood, Yvonne Craig, Ginny Tiu, Kam Tong, H.M. Wynant, Edith Atwater, Guy Raymond.

Elvis e Lockwood são sócios em um avião, mas não podem levantar vôo em vista das dívidas contraídas. Duros, os dois vão para a Feira Mundial, em Seattle. Entre várias confusões, Elvis envolve-se com a bela Joan O'Brien e a pequena Ginny Tiu. Veículo para Elvis, na linha de Elvis: ingênuo, sensual, juvenil. E, sobretudo, leve.

OS SETE GLADIADORES (I Sette Gladiatori). **SBT, 15h30.** Itália/Espanha. Direção: Pedro Lazaga. Com Richard Harrison, Loredana Nusciak, Livio Lorenzon.

Épico italiano a respeito do espartano Dario, que além de sobreviver como gladiador tem de ajustar contas com o homem que matou seu pai e tem também a intenção de matá-lo. Caso perdido.

O FILHO DO PISTOLEIRO (Son a Gunfighter). **Manchete, 21h20.** Espanha, 1966, 92m. Direção: Paul Landres. Com Russ Tamblyn, Kieron Moore, James Philbrook, Fernando Rey, Maria Granada.

No México, Russ Tamblyn tem de interromper a caçada que move ao assassino de sua mãe o número suficiente de vezes para suprir a falta de imaginação dos roteiristas e do realizador, e chegar assim à metragem standard. Mas esse faroeste é bem menos do que standand.

MERCENÁRIOS DAS GALÁXIAS (Battle Beyond the Stars). **Globo, 21h30.** EUA, 1980, 104m. Direção: Jimmy T. Murakami. Com Richard Thomas, Robert Vaughn, George Peppard, John Saxon, Darlanne Fluegel, Sam Jaffe, Sybill Danning, Morgan Woodward.

Mistura da saga de "Guerra nas Estrelas" com a de "Os Sete Samurais": planeta ameaçado de invasão por seres de outras galáxias contrata um grupo de mercenários para defendê-lo. A melhor referência que se tem, aqui, é a produção de Roger Corman. Ele é o produtor-diretor que melhor consegue trabalhar com orçamentos mínimos e tirar daí ótimos resultados. Como produtor, Corman lançou diretores como Scorsese, Coppola, Monte Hellman, Joe Dante. Suas produções — que não raro são picaretagens, diga-se — merecem, no mínimo, que fiquemos de olho aberto. **Inédito.**

UMA JOVEM TÃO BELA COMO EU (Une Jeune Fille Comme Moi). **Bandeirantes, 23h15.** França, 1972, 90m. Direção: François Truffaut. Com Bernadethe Laffont, André Dussolier, Claude Brasseur, Charles Denner, Guy Marchand, Phillipe Léotard, André Kreis, Danielle Girard.

Jovem e bem intencionado sociólogo (Dussolier) disposto a escrever trabalho sobre mulheres criminosas faz uma série de entrevistas. Uma delas é com Camille (Laffont), vigarista que costuma jogar seu charme sobre os homens para tirar vantagem. Enquanto conta seus casos, vai envolvendo o pobre sociólogo. Filme de François Truffaut que, à época, não foi reconhecido como um de seus melhores trabalhos. Ainda assim, há humor na narrativa, a elegância característica do diretor há pouco falecido e momentos muito fortes (como o episódio com o exterminador de ratos, Charles Denner). Mas o todo é um tanto irregular. Ainda assim, vê-se com prazer. E nunca se poderá negar que a atitude quase religiosa de Truffaut em relação ao cinema deixa traços marcantes mesmo em filmes secundários.

NAS GARRAS DA AMBIÇÃO (The Tall Men). **Globo, 23h25.** EUA, 1955. Direção: Raoul Walsh. Com Clark Gable, Jane Russell, Robert Ryan, Cameron Mitchell, Juan Garcia, Harry Shannon.

Retoma-se aqui, aproximadamente, a história de "Rio Vermelho", de Howard Hawks, com menos inspiração. Gable e Ryan são dois texanos que, após a Guerra Civil nos Estados Unidos, partem para Montana levando gado. Após enfrentarem uma série de problemas, acabam conhecendo uma mulher (Russell) por quem ambos se apaixonam. Raoul Walsh, um cineasta de primeira linha, em faroeste que muitos especialistas dão como um faroeste inesquecível. Vale conferir.

HOMENS EM GUERRA (Men in War). **SBT, 00h00.** EUA, 1956. Direção: Anthony Mann. Com Robert Ryan, Aldo Ray, Robert Keith, Vic Morrow, James Edwards.

Batalhão americano tenta passa por mil e uma dificuldades para escapar aos problemas que enfrenta, durante a guerra da Coréia, em 1950. A força de Anthony Mann supera em muito os limites do roteiro e extrai dele um belo filme de guerra, apreciável mesmo em televisão, embora este veículo não seja o mais apropriado à fruição do cinema de Mann, baseado em amplos movimentos panorâmicos e planos gerais. Programado para o último sábado, mas adiado para hoje.

ESPETÁCULO DE SANGUE (Circus of Blood). **Bandeirantes, 01h15.** Inglaterra, 1967. Direção: Jim O'Connolly. Com Joan Crawford, Ty Hardin, Diana Dors, Judy Geeson.

Fim de carreira um tanto lamentável para Joan Crawford, aqui representando a dona de um circo onde ocorrem misteriosos crimes. Crawford fez coisas piores no fim de carreira. O que não melhora muito essa produção.

O CONDE DE MONTE CRISTO (The Count of Monte Cristo). **Globo, 01h40.** EUA, 1975. Direção: David Greene. Com Richard Chamberlain, Tony Curtis, Trevor Howard, Louis Hourdan, Donald Pleasence, Taryn Power, Kate Nelligan.

Objeto de inúmeros versões para cinema, a história de Alexandre Dumas virou telefilme, com elenco ilustre e realização pálida. Chamberlain é Edmond Dantes, o homem que depois de passar anos e anos na cadeia por um crime que não cometeu, escapa e sai atrás do homem que desgraçou sua vida, o pérfido Mondego (Curtis).

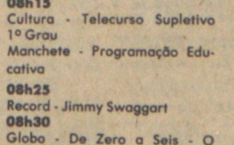
VERA CRUZ (Vera Cruz). **Globo, 03h30.** EUA, 1953, 94m. Direção: Robert Aldrich. Com Gary Cooper, Burt Lancaster, Denise Darcel, Cesar Romero, George MacReady, Sarita Montiel, Ernest Borgnine, Morris Ankrum.

No México, em 1866, Gable e Lancaster são dois mercenários que participam da revolução contra o imperador Maximiliano. Mas, sua adesão aos revolucionários é na verdade tardia. O tempo suficiente, em todo caso, para que se firmem como heróis ambíguos, em meio a uma humanidade que — sobretudo em suas camadas dominantes — não se mostra lá muito animadora. Um faroeste inovador, onde praticamente inaugurou-se o estilo de faroestes violentíssimos, como testemunha uma das sequências, que marcou muito o trabalho de Aldrich e fez não poucos seguidores (Peckimpah, por exemplo). Cooper (e seu ar digníssimo), Lancaster (malandro e acrobático) fazem boa parte do espetáculo.

BANDIDO (Bandido). **Globo, 05h10.** EUA, 1956. Direção: Richard Fleischer. Com Robert Mitchum, Ursula Thiess, Zachary Scott, Gilbert Roland, Rodolfo Acosta, Henry Brandon, Douglas Fowley.

Outra vez o México, ainda uma vez em revolução, mas já no século 20. Nesse quadro, Mitchum é um americano que chega ao país vizinho disposto a comerciar armas com quem pagar mais. Mas no meio da história acaba se envolvendo no conflito. Um ator de primeira (Mitchum) e um realizador (Fleischer) por vezes muito forte são as maiores recomendações.**(IA)**

DESTAQUES★DESTAQUES★DESTAQUES★DESTAQUES



Um sábado acima da média, já que a Bandeirantes mostra uma antologia de seus shows musicais no "Porque Hoje É Sábado" e o "Perdidos na Noite" tem convidados como Premeditando o Breque, Nelson Cavaquinho e Carlinhos Vergueiro. No mais, vale dar uma olhada em "Lanterna Mágica", na Cultura.

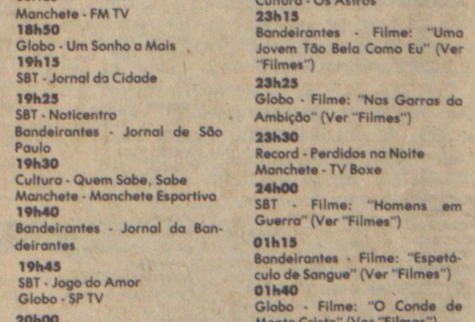
LANTERNA MÁGICA. Cultura, 13h00. O programa produzido por Roberto Muller e dedicado ao desenho de animação hoje vai mostrar o trabalho da escola francesa. Vão se mostrar, por exemplo, filmes de Emile Cohl, feitos entre 1906 e 1912, que tiveram grande importância sobre o desenvolvimento do gênero. Outros autores, como Paul Grimault, René Laloux e Alexander Alexeief, também serão enfocados. Apresentação de Silvana Teixeira.

SÁBADO ESPORTE. Gazeta, 15h00. Dentro das módicas condições de produção oferecidas pela estação, o programa consegue pelo menos divertir os esportistas fanáticos, que não têm grandes atrações no sábado. Hoje, o destaque fica para uma mesa redonda em que será discutida a evolução da seleção brasileira depois dos amistosos realizados no Brasil. No campeonato italiano, destaque para a última rodada (o programa é quase todo concebido sobre fatos passados) e em particular para o Verona, time que se encontra na bica para conseguir seu primeiro título nacional.

PORQUE HOJE É SÁBADO. Bandeirantes, 21h15. Edição especial de programa normalmente um pouco desanimador. Hoje, porém, a Bandeirantes desencava tapes dos melhores musicais já realizados durante seus dezoito anos de existência. Assim, um programa com nada menos do que Roberto Carlos, João Gilberto, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Betânia, Chico Buarque, Milton Nascimento, Rita Lee, Erasmo Carlos, Luiz Gonzaga, Ney Matogrosso, no setor nacional. Mas há também atrações importadas: Alberta Hunter, Simon e Gartunkel, Frank Sinatra, formam entre os mais ilustres. De quebra, alguns importantes intérpretes e compositores brasileiros já mortos serão lembrados: Elis Regina, Maysa, Vinicius, Clara Nunes, Adoniran Barbosa.

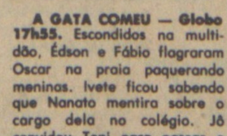
PERDIDOS NA NOITE. Record, 23h00. Hoje, a produção dá uma força ao imenso talento humorístico de Fausto Silva e traz alguns convidados de primeiro time: Nelson Cavaquinho e Carlinhos Vergueiro, por exemplo, mostrarão as músicas de seu novo LP, enquanto o Premeditando o Breque (vulgo Premê) faz um show. São convidados que ajudam o programa a variar, evitando que toda a responsabilidade fique nas costas (largas, a bem dizer) do apresentador.**(FSJ)**

Divulgação



Silvana Teixeira apresenta "Lanterna Mágica"

PROGRAMAÇÃO★PROGRAMAÇÃO★PROGRAMAÇÃO



06h35
Globo - Telecurso 1.º Grau (reprise)
07h00
SBT - Stadium — Educativo
Bandeirantes - Boa Vontade
07h30
Record - Balcão dos Varejistas
Bandeirantes - Japan Pop Show
07h40
Globo - Telecurso 1.º Grau
07h55
Globo - Telecurso 2º Grau
08h00
SBT - Sessão Desenho
08h10
Globo - Globo Ciência
08h15
Cultura - Telecurso Supletivo 1º Grau
Manchete - Programação Educativa
08h25
Record - Jimmy Swaggart
08h30
Globo - De Zero a Seis - O Primeiro Mundo
Bandeirantes - Programa Jimmy Swaggart
08h50
Globo - Cosmos
09h30
Record - Olho no Lance
Gazeta - Anunciamos Jesus
Bandeirantes - Rincão Brasileiro
09h45
Manchete - Você e a Informática
10h00
Cultura - Viola, Minha Viola
Globo - Balão Mágico
Manchete - O Mundo É Maior
Gazeta - Sábado Esporte (Ver "Destaques")
15h45
SBT - Filme: "Os Sete Gladiadores" (Ver "Filmes")
Globo - Cassino do Chacrinha
15h30
Manchete - Clube da Criança
16h00
Cultura - Grandes Momentos do Esporte
17h00
Cultura - Almanaque Bambalalão
17h30
SBT - Shaine
Bandeirantes - Batalha do Amor
18h00
Cultura - Som Pop
Globo - A Gata Comeu
Record - Programa Raul Gil
18h30
SBT - Jerônimo, Herói do Sertão
Manchete - FM TV
18h50
Globo - Um Sonho a Mais
19h15
SBT - Jornal da Cidade
19h25
SBT - Noticentro
Bandeirantes - Jornal de São Paulo
19h30
Cultura - Quem Sabe, Sabe
Manchete - Manchete Esportiva
19h40
Bandeirantes - Jornal da Bandeirantes
19h45
SBT - Jogo do Amor
Globo - SP TV
20h00
Globo - Jornal Nacional
Record - Código Inferno
Bandeirantes - Sucessos do Rádio
20h15
Manchete - Jornal da Manchete
20h25
SBT - Estranho Poder
20h30
Cultura - RTC Notícia - 2ª Edição
Globo - Corpo a Corpo
Gazeta - Vídeo Disco
20h45
SBT - Viviana
21h00
Cultura - Festa Baile
21h15
Bandeirantes - Porque Hoje É Sábado (Ver "Destaques")
21h20
SBT - Viva a Noite
Record - Bolsa de Sucessos
Manchete - Filme: "O Filho do Pistoleiro" (Ver "Filmes")
21h30
Globo - Filme: "Mercenários das Galáxias" (Ver "Filmes")
23h00
Cultura - Os Astros
23h15
Bandeirantes - Filme: "Uma Jovem Tão Bela Como Eu" (Ver "Filmes")
23h25
Globo - Filme: "Nas Garras da Ambição" (Ver "Filmes")
23h30
Record - Perdidos na Noite
Manchete - TV Boxe
24h00
SBT - Filme: "Homens em Guerra" (Ver "Filmes")
01h15
Bandeirantes - Filme: "Espetáculo de Sangue" (Ver "Filmes")
01h40
Globo - Filme: "O Conde de Monte Cristo" (Ver "Filmes")
03h30
Globo - Filme: "Vera Cruz" (Ver "Filmes")
05h10
Globo - Filme: "Bandido" (Ver "Filmes")

AS NOVELAS ONTEM★AS NOVELAS ONTEM

A GATA COMEU — Globo 17h35. Escondidos na multidão, Édson e Fábio flagraram Oscar na praia paquerando meninas. Ivete ficou sabendo que Nanato mentira sobre o cargo dela no colégio. Já convidou Toni para passar o fim-de-semana em Angra dos Reis, onde apronteriam poucas e boas. Desconfiado das verdadeiras intenções das moçoilas alvoroçadas, Rafael não gostou da idéia. Interessados em qualquer arranjo que resulte no enfraquecimento de seus arqui-inimigos, Horácio e Gustavo aramaram um plano diabólico cujo único objetivo é separar Tito de Babi. Bisbilhotando como sempre, Lenita ouviu a trama e contou tudo a Babi. Também se utilizando de alguns estratagemas, Édson conseguiu ver o homem que lhe emprestara dinheiro. Fábio, Paula, Jô e Rafael se encontraram na igreja, marcando casamento para o mesmo dia, com a finalidade de pegar todos de surpresa. Ivete, prima de Édson, vai ter uma chance de melhorar na vida com o afastamento involuntário de Fábio, embora não resolva seus problemas afetivos com o primo. Dona Biloca, avó de Babi, facilitará muito a sua vida com relação aos namorados, sempre controlados pelos pais. Quanto a Vicente, dono de uma banca de jornal e pai de dois alunos de Fábio, que se encontravam na lancha desaparecida, também promete apontar das suas para cima do par central.

UM SONHO A MAIS — Globo — 18h30. Desesperada com as condições que uma impunha à outra, Florisbela e Anabela brigaram seriamente na frente de Pedro Ernesto. Aranha continuou investindo em Estela, mandando-lhe flores diariamente. Num clima de grande euforia, começou o programa de debates de Amélia Bicudo. Como convidado de honra, Magalhães foi assistir à gravação no estúdio. Mosca e Volpone roeram as unhas, preocupados com o que Edgard poderia dizer no ar contra o irmão dele. Ansiosos com a possibilidade de seus planos irem por água abaixo, resolveram tomar uma atitude contra o delator em potencial. Para tanto, decidiram colocar um pó do Egito que faz dormir na água que ele iria tomar. Com isso, ele adormeceria durante horas a fio. Entretanto, foi Amélia quem, antes de começar o programa, bebeu a água adulterada de Edgard e já começou a sentir os efeitos.

CORPO A CORPO — Globo 20h25. Deixando Eloá com um profundo sentimento de culpa, Osmar revelou que está decidido a se afastar da fazenda por completo e retomar sua antiga vida. Osmar contou a sua decisão também para os filhos. Guiomar disse a Rafael que está muito preocupada porque soube que ele não vai se casar na igreja. Osmar e Teresa se encontraram e conversaram. Enquanto isso, um homem desconhecido tirou fotos dos dois, que revelaram uma atitude comprometedora, como se estivessem namorando. Sem ter sequer onde cair morto, Osmar continuou na casa de Amauri. Disposta a qualquer coisa para restabelecer uma boa relação com Osmar, Eloá resolveu fazer uma visita a Teresa para por tudo em pratos limpos. Apesar de ter se tornado um personagem apagado de uns capítulos para cá, Ronaldo anda muito insatisfeito com os desentendimentos entre seus pais e vai voltar a pressioná-los para que se reconciliem e voltem a morar juntos. (RABJ)